

Inscrição romana de Moncorvo

Em virtude do obsequio do Sr. P.^o Adriano Guerra, de Moncorvo, que me mandou uma photographia d'onde se fez a gravura junta, posso estampar hoje n-*O Archeologo Português* o monumento em que vem a inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. XLIV.

O texto dado no *Corpus* é o seguinte:

IOVI
OPTIMO
MAX
CIVITATI
BANIENS
S · VE · · BAS
.....D

O meu texto differe um pouco, principalmente na 6.^a linha, pois é:

1. IOVI
OPTMO
MAX
CVITATI
5. BANENS
..L..LNIV
7.D

- Linha 1.^a Não offerece nada de particular.
 Linha 2.^a O I passa para cima do T, fazendo com este uma cruz.
 Linha 3.^a Nada offerece de notavel.
 Linha 4.^a O primeiro I está incluído no C.
 Linha 5.^a O I é prolongamento da última perna do N. A palavra deve ler-se BANIENSIVM, pois na inscripção da ponte de Alcantara, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 760, apparece mencionado um município com o nome de *Banienses*; este nome é o dos habitantes do município, e não o da capital, o que se vê de outros mencionados na mesma inscripção, como *Transcudani*, *Lancienses*, *Igaeditani*, etc.: portanto o nome da capital devia ser *Banium* ou *Bania*.

Linha 6.^a Parece que as letras são: ...L...LNIV.

Linha 7.^a Vê-se apenas a última letra da conhecida fórmula D. D. , isto é, *Dono Dedit*.

Algumas das letras tem pontos; mas serão estes antigos, pois nem todas o tem?

A transcrição da inscrição, é portanto: *Jovi Optimo Maximo, Civitati Baniens(ium) ...l...lniu... [d](ono) d(edit)*.



O monumento foi encontrado em 1845, a 5 kilometros de Moncorvo, no sitio denominado Mesquita. Mede de altura 1^m,5; de largura na base 0^m,55; no centro 0^m,40 de cada lado. Em cima tem uma excavação rectangular de 0^m,15×0^m,14, e de 0^m,10 de profundidade. Esta excavação será um *foculus*, vindo então o monumento a ser uma ara, ou será o encaixe de uma estátua, vindo então o monumento a ser mero cippo? Como não vi o monumento, não posso responder.

Em Bobadella, na Beira-Baixa, appareceu uma inscripção, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, 397, em que se lê tambem o dativo *civitati*, que parece indicar dedicatoria:

.....
 SPLENDIDISSIMAE CIVITATI
 IVLIA · MODESTA · fLAMINIcA

Num caderno ms. de apontamentos do fallecido general Pery, caderno que examinei por favor da Ex.^{ma} Familia do mesmo, vem copiada uma pequena dissertação de Manuel de Quiroga Correia Carneiro de Fontoura, antiquario trasmontano já fallecido, a respeito d'esta inscripção, mas nem a versão da inscripção está boa, nem as deducções archeologicas são aproveitaveis: elle suppõe que a cidade mencionada no monumento devia ter a sua séde no local, ou perto, onde este appareceu; mas, sendo BANIENS(*ium*), como parece, o mesmo nome que se lê na inscripção da ponte de Alcantara, não poderá admittir-se tal supposição, pois os *Banienses* da inscripção alcantarenses ficavam, segundo lá se diz, na Lusitania, ao passo que o aro de Moncorvo ficava na Tarraconense.

*

O Sr. General Pery accrescentou á dissertação de Manoel de Quiroga as seguintes noticias:

«O pedestal com inscripção romana, de que trata o artigo antecedente, foi achado nas ruinas de uma capella dedicada a S. Mamede, a uma legoa da villa, sendo mandado collocar por o morgado Francisco Carneiro, homem de bastante erudição e ao favor do qual devo estes apontamentos, no seu quintal dentro da villa.

Encontrou-se o pedestal, em 1845, no angulo interno da direita, á entrada do arco que fazia a da capella-mor d'aquelle pequeno templo, e de baixo d'outras pedras de cantaria que se haviam desmorronado das paredes; mas bem se vê que aquelle não era o seu logar primitivo; e como as paredes cahiram (á excepção da que fica á esquerda entrando por o arco de que ainda existe um pedaço) devia para alli ter sido impellido pela violencia do desabamento, pois se achou mesmo algum tanto enterrado no entulho, que foi o que infelizmente lhe fez desaparecer as duas linhas que obstem á perfeita

intelligencia da inscripção. Tambem poderia para alli ter sido removido o pedestal, quando se consagrou o templo ao culto catholico.

Da dita capella, não existe de sua primitiva architectura romana mais do que os restos da parede do lado do Norte, fazendo angulo com a do Poente, onde estava o arco ou entrada do templo para a dita capella-mor, e cuja parede (romana) teria ainda dez a doze palmos de altura. O arco que dava entrada para o templo do lado do Poente, era de um lavor primoroso de florões, e em volta d'estes uma tarja de um outro lavor mais meudo, muito bem feito: e assentava em duas meias columnas, das quaes existe ainda uma em pé, com os pedestaes e capiteis da ordem corinthia, de uma grande perfeição. Vê-se com evidencia, que o edificio é de origem romana, que era consagrado a Jupiter, e que depois foi convertido em templo catholico. Parece que os Mouros o converteram em mesquita, porque nalgumas pedras da parede se vêem uma especie de meias luas: alem d'isso a tradição, fez com que o vulgo chamasse áquellas ruinas a «Mesquita». Em torno da capella a diversas distancias, vêem-se várias excavações talhadas nas fragas, que parece terem sido sepulcros dos romanos. Numa das fragas vê-se cavada na mesma, uma figura que parece representar uma cabra de oito ou nove palmos. Ao Norte da capella ha um enorme rochedo, para o qual se sobe por uma larga rampa que parece natural, se bem que nalguns sitios se conhece ainda que alli trabalhou picareta ou outro instrumento; no cimo do dito rochedo, em diferentes pontos, se vêem excavações de várias fórmas. Por todos os arredores da capella, apparecem pedaços de telhas mui grossas, vêem-se pedaços de paredes, bocados de mós de moinhos de mão, e aqui e alli espalhados bocados de cantaria faciada; com especialidade na base do lado do Sul do grande rochedo, se vêem dois montões de cantaria faciada. Tudo isto demonstra que alli houve antigamente grande povoação.

Encóntram-se nalgumas casas proximas d'aquelle sitio, e especialmente na estalagem das Silveiras, no cunhal de uma das portas, uma inscripção latina. Perto da ponte do Sabor na margem esquerda, ha um edificio de ordem toscana, sem dúvida templo gentilico, do genero d'aquelles a que os romanos chamavam *aedicula*, que não tinha portas. Por cima da entrada d'este edificio ha uma inscripção de difficil leitura, no meio da qual se divisa um F inverso; d'este modo $\overline{\text{F}}$; d'onde se vê, que o lettreiro ou foi feito por algum operario que não sabia escrever, ou é da epocha romana, do tempo de Claudio Cesar; porque o $\overline{\text{F}}$ foi uma das letras que este imperador acrescentou ao alphabeto, como diz Suetonio na sua *Vida*, cap. XLI; e foram

usadas por alguns, porém só no tempo do mesmo Claudio, valendo então o \bar{T} por V consoante, como dizem os auctores que trataram d'este assumpto.

A architectura d'este pequeno edificio, e tambem a sumptuosidade do templo, convertido em capella de S. Mamede, são uma prova incontestavel de que proximo houve uma importante povoação romana.»

Certamente muitas das afirmações transcritas precisam de rectificação; mas eu não estou no caso de a fazer, pois, comquanto já andasse em tempo por aquellos sitios, não examinei os monumentos de que se trata.

J. L. DE V.

Ainda a proposito de «*anta*»¹

No artigo que escrevi no n.º 25 d-*A Vida Moderna*, de 27 de Fevereiro de 1896, reproduzido n-*O Archeologo Português*, II, 92, a proposito da etymologia da palavra *anta* e de outras questões correlativas, disse eu em resposta a uma nota do Sr. P.º Espanca: «visto que se recorre á glottologia, ou sciencia da linguagem, hão-de respeitar-se-lhe rigorosamente as leis; do contrário anda-se sem methodo».

O Sr. P.º Espanca, voltando ao assumpto no n.º 40 d-*A Vida Moderna*, não respeita as leis glottologicas; por isso eu não estava obrigado a responder-lhe. No entanto respondo-lhe, porque a elle me ligam relações de sympathia pessoal e amizade, e não queria que tomasse o meu silencio por falta de consideração.

De eu ter escripto que podia o Sr. P.º Espanca ter citado *antra*, plural de *antrum*, como origem de *anta* não se conclue que eu, como elle affirma, «não recuse a proveniencia da palavra *anta* como oriunda de *antra*.» Nada de sophismas! A questão é meramente scientifica. O que se procura é chegar á verdade. Se eu me julgasse em mau campo, declarava-o lealmente. A palavra *anta* não póde ter vindo nem de *antrum*, nem de *antra*. Phoneticamente oppõe-se a isso o

¹ Este artigo foi primeiro publicado n-*A Vida Moderna*, de 24 de Junho de 1896.